

socialmente e os que viram neste consumo uma oportunidade de negócio prestigiante fizeram fortunas. Agora, numa fase em que a desvalorização do vinho tende a agravar-se, desafiando a sobrevivência de muitos viticultores portugueses, Loureiro confessa: «Eu, que sou observador atento do problema do vinho em Portugal, ainda não consegui encontrar um período de bom senso. Ou está vertiginosamente a subir porque o negócio é fantástico, ou está vertiginosamente a cair porque o negócio acabou.» João Portugal Ramos, enólogo e produtor de vinhos no Alentejo e no Ribatejo, confessa que «a luta está feroz. Está iminente uma catástrofe». Virgílio Loureiro vaticina que 2006 será ainda pior.

Com a redução da taxa de alcoolemia, os aumentos sucessivos do IVA e a recessão económica, o mercado português está saturado. Exportar é preciso. Com caves na Bairrada mas com um pé assente no mundo, Luís Pato diz que a lei da «selecção natural»

vinho do Porto mantém-se e pode abrir portas. A batalha que se segue é a da divulgação do vinho de mesa tinto e branco e da especificidade das castas nacionais, pois o consumidor mundial ainda se espanta quando sabe que Portugal não tem só verdes e rosados.

Para já, o volume das exportações portuguesas tem aumentado nos últimos anos, embora a custo da redução dos preços. As adegas cooperativas, revela o enólogo do Dão, baixaram os preços até perder dinheiro, e os produtores privados estão a ser afetados mas não tendo em geral dimensão para resistir. Virgílio Loureiro explica: «Uma adega cooperativa nunca perde dinheiro, porque não visa o lucro. Recebe as uvas, vende o vinho, deduz as despesas e o que sobra distribui pelos associados. O que sobra para distribuir, na maior parte das cooperativas, não chega para pagar as uvas entregues. Isso é *dumping*. Os associados que alternativa têm? Não conseguem vender o vinho por si, não conseguem fazê-lo. Ou desistem ou continuam a empobrecer alegremente. O negócio do vinho para os viticultores a norte do

Do vinho produzido exportámos pouco mais de 3,2 milhões de hectolitros. Contas feitas aos números do Instituto do Vinho e da Vinha, Portugal ainda fica com uma quantidade de vinho que permitiria poupar nas importações. A importação de vinho tem, no entanto, vindo a decrescer. Apesar de em 2003 continuarmos a figurar no terceiro lugar em termos de capitação do consumo de vinho no mundo – com 53 litros ano *per capita* –, em Portugal bebe-se menos do que no tempo em que o Estado Novo proclamava que «beber vinho» era «dar de comer a um milhão de portugueses». Só nos últimos 20 anos o consumo de vinho *per capita* diminuiu para metade.

Já quanto a exportações, o crescimento em termos de volume não tem implicado crescimento igual em termos de valor. Enquanto em 2001 exportámos cerca de 1,6 milhões de hectolitros, que renderam valores da ordem dos 503 milhões de euros, em 2004 a exportação de 3,2 milhões de hectolitros apurou cerca de 550 milhões de euros.

A tendência de conjunto inverte-se no caso do vinho licoroso. Em 1995, representou 49% do volume de exportações (839 mil hectolitros) e apurou 70% do valor das nossas exportações de vinho (cerca de 270 milhões de euros), enquanto 2004 representou 26% do volume de exportação (832 mil hectolitros). Um decréscimo, portanto, mas apurando cerca de 350 dos 550 milhões de euros em termos do valor das exportações de vinho. De salientar que o vinho de qualidade tem significado apenas 10% do valor das nossas vendas ao estrangeiro.

No que se refere ao mercado interno, dados da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana confirmam que os portugueses continuam a preferir os vinhos desta região. Em 2004, a venda de vinhos alentejanos cresceu 10% relativamente ao ano anterior, sendo que os vinhos com Denominação de Origem (DOC) e com indicação geográfica tiveram uma quota do mercado nacional de vinhos de 32% e 57,4%. O comércio de vinho de qualidade em Portugal é liderado pelos vinhos do Alentejo, com uma quota de mercado média de 43,2% nos últimos três anos. Os vinhos verdes e regionais do Minho têm a segunda maior quota média de mercado, 19,9%, embora os DOC verdes mantenham a preferência dos portugueses em termos absolutos: 35,7% do vinho comercializado em 2004.

EM 2004, PRODUZIMOS QUASE 7,5 MILHÕES DE HECTOLITROS DE VINHO DE QUALIDADE, CRIADO EM REGIÃO DEMARCADA, ALÉM DOS VINHOS REGIONAL E DE MESA E DOS ESPUMANTES E LICOROSOS. DE TODOS ELES BEBEMOS 3,4 MILHÕES DE HECTOLITROS. AINDA IMPORTAMOS CERCA DE 1,6 MILHÕES DE HECTOLITROS DE VINHO, QUASE TOTALMENTE DE MESA E REGIONAL. PORQUÊ? PORQUE A RELAÇÃO ENTRE O PREÇO E A QUALIDADE DO ESTRANGEIRO É MELHOR DO QUE ALGUMA NACIONAL.

apurará potencialidades entre produtores e do nosso vinho de qualidade. Só com produtos de qualidade superaremos a má imagem que criámos no exterior. Isso é ponto assente para Pato. Há 20 anos que internacionalizou a venda dos seus vinhos. Por isso sabe que exportar não se consegue do dia para a noite. Um vinho português tem de esperar três ou quatro anos antes de a sua consistência estar comprovada. É o preço que pagamos por termos defraudado expectativas durante anos. Apesar de, segundo João Portugal Ramos, termos partido do «menos zero» enquanto o Novo Mundo partiu do zero, há a crença de que temos argumentos para triunfar. O prémio do

Tejo não é modo de vida. Vão andando entretidos. Só desistem quando os filhos emigram e eles estão velhos.»

Em 2004, produzimos quase 7,5 milhões de hectolitros de vinho de qualidade, criado em região demarcada, além dos vinhos regional e de mesa e dos espumantes e licorosos. De todos eles bebemos 3,4 milhões de hectolitros. Para consumo próprio, ainda importámos cerca de 1,6 milhões de hectolitros de vinho, quase totalmente de mesa e regional. Porquê? Sobretudo porque a relação entre o preço e a qualidade do estrangeiro é melhor do que alguma nacional.